



TRAVESSIAS



TRAVESSIAS recorte curatorial

O tecido urbano das cidades brasileiras são estruturas marcadas pela fragmentação, descontinuidades e simultaneidades tanto físicas, como simbólicas. As origens deste tecido estão enraizadas aos violentos processos de colonização e pela transferência das conformações de desigualdades e apagamentos para as cidades. A possibilidade de atravessamento pela imensa *colcha de retalhos* brasileira representa tanto o compartilhamento de urbanidades possíveis, como a oportunidade de reinterpretação de memórias coletivas ancestrais. O recorte curatorial *travessias* propõe eixos de atravessamentos na cidade articulados a nós temporários de atividades coletivas da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura.

1 Jacques Rancière, *A Partilha do sensível: estética e política*, tradução de Mônica Costa Neto, São Paulo, Editora 34, 2009 (2ª Edição).

2 Idem, 2009, p. 16.

3 Idem, 2009, p. 21.

4 Algumas performances cotidianas estão condicionadas a mecanismos opressores de diversas identidades e são práticas – muitas vezes violentas – de controle pela manutenção de uma estrutura social e econômica pautada na exploração de corpos, seja para o trabalho, seja para manutenção de uma estrutura patriarcal (branca).

Os territórios das cidades brasileiras poderiam ser descritos como múltiplos recortes heterogêneos de espaços que possuem uma essência própria, mas que se fundem formando um enorme *comum* partilhado¹ de imagens, tempos e identidades. “É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência.”² A política opera as estratégias do que é visível, como um regime estético em que a visibilidade de todas as identidades e lugares seria, propriamente, a democracia. “Uma superfície não é simplesmente uma composição geométrica de linhas,”³ assim como corpos, traçados urbanos, topografias e hidrografias também não são. São formas de partilha do sensível e enxergá-los e compreendê-los nas inscrições do território poderia ensinar sobre formas de atuação, novas práticas, novas formas de vida e do viver em comunidade.

A arquitetura quando imagina representar graficamente a configuração mental do espaço urbano individual ou coletivo, tem como resultado um emaranhado de sinais onde é possível observar certos ritmos repetidos, traçados e pontos de convergência. Os pontos de convergência são elementos de referência do espaço urbano em um nível individual, por outro lado, se essa leitura for estendida a um plano de configuração mental coletivo, a imagem gerada não seria muito complexa ou indecifrável, mas uma imagem simples e legível. Os percursos comuns, assim como os espaços públicos e mesmo os edifícios ícones, certamente se repetirão como imaginário comum dos moradores da cidade. Isso porque, o fenômeno de formação e estruturação da cidade é indissociável dos fenômenos de formação e estruturação da linguagem. A habitabilidade na cidade demanda um tipo de performance corporal cotidiana partilhada entre os indivíduos, no regime de construção das identidades.⁴ Entretanto, essa adaptação e repetição de movimentos corporais está atrelada não somente a um traçado urbano, mas a um conjunto de tradições ligadas ao

desenho e às transformações do trabalho, economia e política das cidades, muitas vezes operada de maneira desigual.

Os corpos possuem memórias e atravessamentos simbólicos que reverberam no espaço sob a forma de disputa e conflitos entre narrativas. No caso do Brasil, as narrativas e memórias dos povos em diáspora africana e dos povos originários é historicamente apagada ⁵ da narrativa oficial da cidade, como pode ser observado em seus patrimônios históricos [edifícios e monumentos], por exemplo. Para além dos documentos, existe uma memória ancestral inscrita nos próprios corpos e visível quando o olhar é direcionado para as histórias das cidades no Brasil, um país que foi invadido por europeus e que teve sua construção ancorada à escravidão e genocídio dos povos pindorâmicos e dos povos africanos sequestrados. O corpo como um documento [corpo-documento ⁶] representa uma possibilidade de narrativa das memórias coletivas das cidades brasileiras.

É preciso a imagem para recuperar a identidade, tem que se tornar visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade.

Beatriz Nascimento, trecho do filme Ori

O corpo como um lugar [do ponto de vista da representação] é semelhante ao espaço representado pela imaginação. Este lugar tem um *status* de espaço poético e representa uma dimensão de espaço que se hibridiza com as demais camadas de espaço no território até tornar-se indissociável dele. O corpo é o espaço resultante de uma experiência social e ancestral e a sua representação é uma espécie de código que deve ser entendido como uma possibilidade de formação da identidade.

O encontro de corpos representa um lugar reconhecível ou de estranhamento ⁷ no conjunto das identidades coletivas e a percepção da diferença é fundamental para o reconhecimento do próprio corpo como lugar na sociedade. Nesse sentido, um mapeamento cognitivo poderia contribuir para a compreensão da distribuição dos lugares, relações de poder, hierarquias, narrativas, origem de espaços fragmentados, intersticiais, fronteiriços, dando subsídio para o reconhecimento de espaços de alteridade na cidade, porque essa representação é mais simbólica ou mental e não apenas determinada por uma coordenada geográfica.

Embora normalmente estejam associados às características físicas, os mapas são representações que orientam para o deslocamento entre lugares em um território heterogêneo e foram, por muito tempo, instrumentos de dominação e determinação das políticas de visibilidade. Entretanto, podem mapear e tornar visíveis zonas de exclusão, violência e vulnerabilidade e, também, representar territórios de alteridade e resistência, bem como de novas urbanidades. Uma possibilidade pouco explorada na cartografia é o mapeamento de espaços transitórios, de deslocamento, fronteiriços, entre lugares, nos limiares entre a vida pública e privada, entre o

⁵ Em 14 de dezembro de 1890, o então ministro da Fazenda, Ruy Barbosa assinou um decreto que obrigava a destruição e queima de documentos e registros referentes à escravidão no Brasil.

⁶ O conceito de corpo-documento foi cunhado pela intelectual, Beatriz Nascimento, negra e sergipana. Para Beatriz, na impossibilidade de acesso a documentos e narrativas históricas sobre a diáspora e as origens africanas, o corpo negro seria a própria documentação histórica e a sua visibilidade permitiria que essa história pudesse ser reconstruída e difundida entre seus sucessores.

⁷ A percepção da diferença é fundamental para a construção das identidades, mas, muitas vezes, é sobrepujada pela sensação de ameaça ou medo do contato, culminando em experiências de violência.





o programado e o acaso, assim como, sua acessibilidade que pode ser feita de elementos simbólicos, táteis e sonoros.

A arquitetura |quando projetada| costuma definir o desenho a partir de usos programados e bem delimitados espacialmente. A tentativa de edificar espaços transitórios ao longo de trechos entre os locais pré-estabelecidos |Avenida Paulista e os bairros Jardim Guarani, Jardim Pantanal, Jardim Pinheirinho D'Água, Jardim Lapena e Parque Novo Mundo| seria uma prática experimental do acaso em um momento de transformações e reconstruções de usos e novas práticas do convívio.

As **travessias** |proposta de recorte curatorial| seriam porções de território ou projetos na fronteira do *dentro/fora* capazes de reconstruir reflexões com moradores, transeuntes e visitantes, por meio de levantamentos coletivos de memórias *apagadas* destas regiões, tais como recursos hídricos enterrados, edificações demolidas, práticas culturais e espirituais ameaçadas e práticas sociais apagadas pela pandemia. Cada travessia se propõe a ser espaço de construção coletiva baseada nos saberes da diáspora, tal qual Beatriz Nascimento coloca, os corpos possuem memória e é fundamental que a construção de espaços possibilite o encontro ou reencontro com a sua memória coletiva e individual.

O acesso a esses espaços poderia ser feito a pé ou através dos diferentes percursos modais públicos que

estabeleceriam locais de travessias, chegadas e cruzamentos – **nós**.

Os **nós** são pontos de chegada |fim| e, também, inícios de caminhos possíveis a serem seguidos.⁸ As **travessias** permitiriam o acesso a caminhos ou lugares que, embora fechados, permanecem como percursos narrativos que sugerem encontros. Os encontros ao acaso seriam ações que podem destacar novos sentidos de convivência e territorialidade ao confrontar esse corpo individual aos distintos corpos sociais existentes.

Território foi e continua sendo um espaço em que habitamos com os nossos, onde a lembrança do antepassado e a evocação do futuro permitem referenciá-lo como um lugar denominado por aquele ancestral, com certos limites geográficos e simbólicos. Dominar o território é assumi-lo numa dimensão linguística e imaginária; ao passo que percorrê-lo, pisando-o e marcando-o de uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física [...] situar ou marcar o mundo que compreendemos não só de fora para dentro, mas originalmente ao contrário, de dentro, do meu interior psicológico, ou ainda, dos interiores sociais do nosso território para o mundo como resto.

Armando Silva, Imaginários Urbanos⁹

⁸ Para Kevin Lynch, “confluências de trilhas ou de concentrações de determinadas características.” Livro, *A Imagem da cidade*, tradução de Jefferson Luiz Camargo, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2006 (3ª Edição).

⁹ Armando Silva, *Imaginários Urbanos*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2011 (1ª Edição), pag. 16.

Os **nós** são coberturas abertas ¹⁰ e acessíveis que abrigariam atividades culturais e proposições construtivas, por meio de Cartografias Colaborativas, com método a ser desenvolvido coletivamente, baseado nos levantamentos elaborados pelo **Coletivo Cartografia Negra** | integrante desta equipe|. Tais locais receberiam também exposições, seminários, ciclos de conversa, oficinas, pesquisa e programas educativos.

Sobre as **travessias**, que seriam o deslocamento entre os espaços transitórios, a proposta é convidar os visitantes da Bienal a se deslocarem das áreas de centralidade [eixo Paulista] para porções periféricas ou enclaves sociais prioritariamente via transporte público. Através de roteiros previamente estabelecidos, buscar-se-á a interação entre territórios formais e territórios informais, que embora destituídos de planejamento, abrigam múltiplas urbanidades inventadas, *“porque, mais livres de civilização de normatividade social, suas figurações, tanto as artísticas com as cotidianas, podem tornar-se descobertas originais que conectam longínquas associações com símbolos arqueológicos que falam do homem universal, do seu passado e do seu futuro, mais que um homem de regiões concretas”* ¹¹. São espaços onde a rua ganha uma dimensão mais coletiva e é ocupada por coletivos culturais, pelos bailes, os *rolezinhos*, a conversa na esquina, os botecos com mesas para a rua. É também nesses espaços periféricos que mulheres negras moldam a realidade de diversas formas, improvisando lugares de cuidado e solidariedade entre vizinhanças e constituindo novas formas de se fazer política nas articulações com lideranças locais.

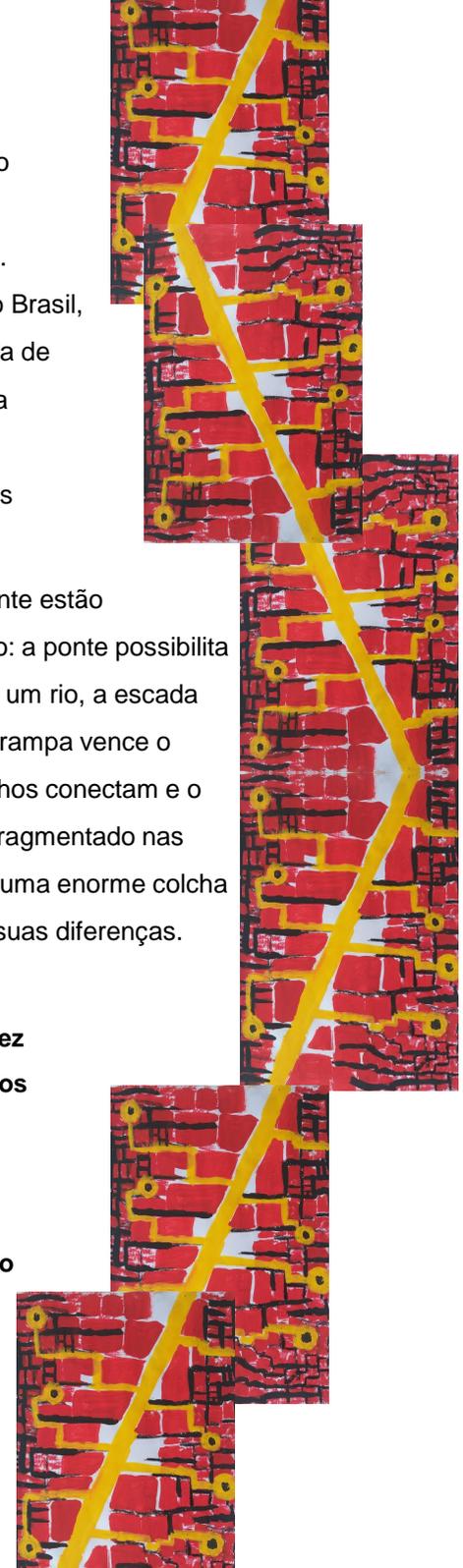
10 A concepção espacial destes locais é baseada nas utopias de Sérgio Ferro e de seu grupo Arquitetura Nova [com Rodrigo Lefévre e Flávio Império], que, para buscarem eliminar a prática opressiva no canteiro de obras de arquitetos e engenheiros sobre os trabalhadores da construção civil, propunham uma estrutura autoportante [muitas vezes abóbadas], que impediria as intempéries e, ao mesmo tempo, agregaria, de maneira não-hierárquica, todos os trabalhadores, para que, enfim, desenvolvessem os projeto e obras conjuntamente.

11 Armando Silva, *Imaginários Urbanos*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2011 (1ª Edição), pag. 67.

As **travessias** ancestrais forçadas pelo Atlântico são memórias violentas de separação da *terra de origem*, a África. Desde o primeiro deslocamento para o Brasil, inúmeros corpos continuaram a jornada de travessias: a fuga para os quilombos, a migração do campo para a cidade e a travessia para as periferias em grandes centros urbanos.

As **travessias** em arquitetura geralmente estão relacionadas a dispositivos de conexão: a ponte possibilita a transposição entre duas margens de um rio, a escada faz a transposição entre dois níveis, a rampa vence o desnível de forma acessível, os caminhos conectam e o próprio tecido urbano, extremamente fragmentado nas cidades brasileiras, é costurado como uma enorme colcha de retalhos que convive, mesmo com suas diferenças.

Talvez fosse preciso pensar as duas travessias juntas dialeticamente. Talvez fosse preciso ver os projetos realizados em áreas periféricas juntos e reconhecendo as outras periferias espalhadas pelo Brasil e distantes do contexto paulista. Talvez fosse preciso dialogar mais com os projetos de países do Sul Global como em uma travessia Sul-Sul de arquitetura.



ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

travessias são os deslocamentos entre os espaços transitórios [nós]. A proposta é convidar os visitantes da Bienal a se deslocarem das áreas de centralidade [eixo Paulista] para porções periféricas ou enclaves sociais prioritariamente via transporte público. Através de roteiros previamente estabelecidos, buscar-se-á a interação entre territórios formais e territórios informais. A pesquisa e definição dos trajetos será definida pelo núcleo de urbanismo, geografia e acessibilidade.

TRAVESSIAS

nós são coberturas abertas, acessíveis e temporárias que abrigariam atividades culturais e proposições construtivas, por meio de Cartografias Colaborativas, com método a ser desenvolvido coletivamente, baseado nos levantamentos elaborados pelo **Coletivo Cartografia Negra**.

Eventos: exposições, seminários, ciclos de conversa, oficinas, pesquisa e programas educativos.

NÓS

curadoria

CAROLINA PIAI VIEIRA | jornalismo | cartografia negra

LARISSA FRANCEZ ZARPELON | arquitetura |

diálogos entre arquitetura e cidade

LOUISE LENATE FERREIRA DA SILVA | arquitetura | relações

raciais | patrimônio cultural

LUCIENE GOMES | arquitetura |

universidade do recôncavo da bahia | acessibilidade

PEDRO CARDOSO SMITH | arquitetura | arte |

universidade aberta do meio ambiente

PEDRO VINÍCIUS ALVES | ciências sociais | cartografia negra

RAÍSSA ALBANO DE OLIVEIRA | antropologia | educação |

cartografia negra

THIAGO SOUSA SILVA | geografia | arte |

VIVIANE DE ANDRADE SÁ | arquitetura |

arte | relações entre corpo e cidade

equipe

EXPOSIÇÕES

as **exposições** serão articulações com a proposta do recorte curatorial que privilegiará os processos e projetos realizados em zonas periféricas, especialmente do Sul Global, e territórios de diversas regiões do Brasil. Nas áreas expositivas fixas haverá ciclo de palestras e conferências que convidem os participantes da Bienal a transitarem pelas intervenções urbanas temporárias e pelos eixos de travessias propostos, bem como, que estimulem a reflexão sobre a temática apresentada. A proposta é expandir o pensamento sobre a atuação da arquitetura para além do desenho, dando destaque aos processos, percepções e narrativas coletivas.



NÓS E TRAVESSIA 1 *
equipe travessias, São Paulo, 2021

tinta acrílica e pastel seco sobre papel
297 x 210 mm

A estrutura organizacional foi pensada como um coletivo curatorial de atuação multidisciplinar. Como a proposta está dividida em três eixos: travessias, nós [intervenções urbanas] e exposições, a composição privilegiou alguns conhecimentos específicos.

Para as **travessias**, haverá um núcleo de em urbanismo, cartografias e acessibilidade.

Para os **nós** haverá um núcleo em diálogo com as populações locais e que possua a experiência com movimentos sociais.

Para as **exposições** e eventos atrelados à ela haverá um núcleo de pesquisa e levantamento de projetos, convidados e oficinas.

O grupo enfatiza a importância de conexão entre cada um dos eixos pela necessidade de diálogos entre eles e para que cada fragmento seja complementar à estrutura do outro. A proposição é de uma Bienal que esteja articulada como uma enorme rede ou *colcha de retalhos*. E essa é, também, a organização do grupo, no qual cada um de **nós** seja um parte na conformação de uma grande **travessia**.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

* unidades criadas como módulos para composição de mosaicos, retalhos ou cartografias imaginárias



NÓS E TRAVESSIA 2 *
equipe travessias, São Paulo, 2021

tinta acrílica e pastel seco sobre papel
297 x 210 mm

CAROLINA PIAI VIEIRA

carolinapiaiv@gmail.com || cartografianegra@gmail.com || (55 | 11) 94184-6361

Educadora e pesquisadora

FORMAÇÃO

atual: Mestrado em História Social, na Universidade de São Paulo, sob orientação de Maria Cristina Cortez Wissenbach, em andamento.

2015: Graduação em Jornalismo na FAFICLA / PUC-SP (Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

2013: Curso técnico em Teatro no Teatro Escola Macunaíma, interrompido em 2013.

ATUAÇÃO

2019 - atual - Núcleo de Estudos da Violência da USP: Educadora no Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), que desenvolve oficinas com estudantes e professores da rede pública. O projeto faz parte do Núcleo de Estudos de Violência da USP (NEV-USP).

2017 - atual - Cartografia Negra: Educadora e pesquisadora do coletivo Cartografia Negra, que desenvolve estudo e realiza atividades e caminhadas sobre espaços históricos importantes para o povo negro na cidade de São Paulo, principalmente até o século XIX.

2018 - 2019 - CNA: Professora de inglês na escola de idiomas, em turmas com crianças, adolescentes e adultos.

2017 - ARTE!Brasileiros: Repórter, responsável pela produção de conteúdo e por postagens nas mídias e redes sociais da ARTE!Brasileiros.

2014 - 2016 - Cooperativa Paulista de Teatro: Assistente de Comunicação e, previamente, estagiária, responsável por produção de conteúdo, pela manutenção/administração das redes sociais e pelo desenvolvimento e divulgação do boletim interno dessa entidade representativa dos artistas do estado de São Paulo.

2015 - 2016 - Grupo Redimunho de Investigação Teatral: Assistente de produção em espetáculo sobre violência contra a mulher, chamada "Tareias: atrás do vidro verde tem um mundo que não se vê".

2013 - 2015 - Grupo Oba! de Teatro: Atriz em espetáculo para crianças de incentivo à leitura, chamada “Violeta, a menina leitora”.

2013 - 2014 - Revista Vaidapé: Repórter, fotógrafa e revisora. Atuou também na autogestão do coletivo. A Vaidapé é uma mídia independente que possui revista impressa, programa de rádio, site e realiza eventos culturais nas periferias e no centro de São Paulo.

2014 - XIV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros: Jornalista freelancer, atuou na produção de conteúdo sobre esse festival, que reúne povos indígenas, a comunidade quilombola Kalunga e grupos de congada, maracatu, catira e folias na Vila de São Jorge, em Alto Paraíso (GO).

2013 - Universo Jatobá: Estagiária na produção de conteúdo para o site, que é um portal de sustentabilidade da jornalista Rosana Jatobá.

QUALIFICAÇÕES E INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Autora em [projeto em exibição no site do Instituto Moreira Salles](#), pelo Programa Convida, com integrantes do Coletivo Cartografia Negra; Concluiu curso de extensão de *Introdução aos Estudos de África*, no Centro de Estudos Africanos, da USP; Concluiu cursos de *Filosofia e história desde África*, na Universidade Federal do ABC, de *Racismo e Seus Afetos*, no Instituto Itaú Cultural, e de *Bairros Negros*, no Núcleo de Consciência Negra da USP; Atuou como educadora e coordenadora no curso *Raça e Cidade*, organizado pelo Instituto Pólis e pelo Coletivo Cartografia Negra; Atuou como educadora em caminhada realizada com grupo do curso *Race, Modernity and Migration in the America* do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*); Atuou como educadora no curso *Metodologias participativas para uma Educação em Direitos Humanos em Escolas*, que integrou o 20o Encontro USP-Escola, e no curso *Direitos Humanos e a prevenção da violência nas escolas*, que integrou o 18o Encontro USP-Escola, com a equipe do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas; Participou do projeto C.O.P.A. (Centro Ocupado de Produção Alternativa), que realizou uma cobertura colaborativa de veículos de mídia independente durante a Copa do Mundo de 2014. No Centro, atuou na produção de entrevistas coletivas e debates; Autora de reportagens e fotos publicadas em veículos como Carta Maior, EBC Brasil, Revista Vaidapé, Alma Preta, Periferia em Movimento, Portal do Estéticas da Periferia e site Povos Indígenas no Brasil, do Portal do Instituto Socioambiental (ISA). Amostra de portfólio:

www.carolinapiaiv.wixsite.com/portfolio.

Experiência no exterior (residiu em Nanaimo, no Canadá, durante 5 meses, como estudante de Programa de High School)

Carolina Piai Vieira, São Paulo

Sou nascida e criada nas redondezas do bairro do Campo Grande, em São Paulo. Pesquiso histórias dos povos africanos e da diáspora e a região considerada central da cidade em que vivo e busco colaborar com ações educativas a partir desses estudos.

Convidada por Pedro, um parceiro de trabalho, passei a integrar o **Coletivo Cartografia Negra** em 2017. Dividimos nossas histórias, identificamos lacunas e pesquisamos conjuntamente memórias de nossos ancestrais em São Paulo, massivamente invisibilizadas pela narrativa oficial sobre a cidade (como se percebe em seus monumentos e patrimônios materiais, por exemplo). Compartilhamos documentos, fotografias e mapas encontrados nesses estudos em caminhadas abertas por espaços relevantes para a população negra na região central (que foram interrompidas por questões sanitárias). Também fazemos essa partilha em conversas públicas, cursos e oficinas, voltadas para a relação entre as temáticas raciais e a cidade, trazendo à tona referências bibliográficas e artísticas, como os trabalhos de Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Rosana Paulino e Jaime Lauriano.

Além disso, atuo desde 2019 como educadora no **Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), do Núcleo de Estudos da Violência da USP**. Desenvolvemos atividades com crianças, jovens e professores da rede pública. Em 2019, trabalhamos na EE Ubaldo Costa Leite, situada justamente no Jardim Guarani, assim como em mais duas escolas da cidade. No PODHE, realizamos oficinas artísticas e de educomunicação, voltadas para a promoção dos direitos humanos. Estudamos coletivamente alguns assuntos que são abordados nessas atividades, dentre as nossas referências estão Crislei Custódio, bell hooks, Paulo Freire, Jacqueline Moraes Teixeira, Mestre Rosângela (do Quilombo Sambaqui, situado no Jardim Guarani) e Vera Candau.

Por todo o ano de 2018 participei de aulas de dança afro-brasileira com a **Cia. Cambona** e em 2019 e 2020 de treinos de capoeira Angola no **Núcleo de Artes-Afrobrasileiras da USP**, sob orientação do Mestre Pinguim, que desenvolve trabalhos na área há mais de 20 anos. Essas experiências trazem a atenção para a memória dos corpos e as ancestralidades africanas, especialmente presentes no Brasil, por conta de seu histórico.

No decorrer de minha trajetória, participei de cursos e trabalhei com coletivos de mídia independente e grupos de teatro, sempre atenta na relação dos corpos com a cidade, em práticas incisivas nessa colcha de retalhos que é o espaço urbano. Na **Revista Vaidapé** e na **ARTE!Brasileiros**, tive a oportunidade de conhecer e conversar com grupos, sujeitos e pesquisadores das áreas da Arte e de Direitos Humanos, moradores de diversas regiões de São Paulo. Na **Cooperativa Paulista de Teatro**, de dialogar com grupos artísticos que atuam no Estado. No **Grupo Redimunho de Teatro**, de participar de apresentações sobre violência contra a mulher que tinham como palco ruas da cidade. No **Grupo Oba! de Teatro**, de conviver com crianças encantadas com a arte e com artistas voltados para o universo da infância. Também concluí graduação de Comunicação Social - Jornalismo na **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**.

Atualmente, desenvolvo pesquisa de mestrado em História Social na **Universidade de São Paulo**, voltada para História da África e dos Africanos no Brasil, sob orientação da professora Doutora Maria Cristina Cortez Wissenbach, que é referência no assunto e pesquisou por anos histórias das populações africanas e da diáspora na cidade paulistana, além de temáticas relacionadas a esses povos em mais contextos. Minha formação se deu e se dá em todos os encontros relatados neste texto, os quais colaboraram e colaboram com meus processos de aprendizagem e de atuação.

LARISSA FRANCEZ ZARPELON

larissazarpelon@gmail.com/ +55 11 99448 2245

Arquiteta e Urbanista

FORMAÇÃO

2017 – 2020: Doutorado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com a tese intitulada **Intenções de diálogo entre arquitetura em cidade: aproximações às obras do Prêmio Salmons**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ruth Verde Zein.

2010 – 2013: Mestrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com a dissertação **Espaço público e ocupação efêmera: a Virada Cultural como instrumento de requalificação do Centro Histórico de São Paulo**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eunice Helena Sguizzardi Abascal.

2007 – 2008: Master Paesaggi Straordinari: Paesaggio – Arte – Architettura no Politecnico di Milano com o título **Paesaggi “patologici”: una riflessione su spazio, luogo e identità** (Paisagens “patológicas”: uma reflexão sobre paisagem, lugar e identidade). Orientador: Prof. Dr. Matteo Meschiari.

2005 – 2007: Pós-graduação lato sensu **Gerenciamento de empreendimentos na construção civil** na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Curso interrompido após todos os créditos cumpridos.

2000-2004: Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ATUAÇÃO

2014 – atual: Docente na Universidade Paulista nas disciplinas Projeto Urbano e Paisagístico – Espaço Aberto, Projeto Arquitetônico – Intervenção Urbana e Trabalho de Conclusão de Curso.

2021 – 2023: Suplente de conselheira no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/SP)

2020 – 2021: Pesquisadora no grupo **Arquitetura Moderna no Brasil e América Latina: revisões historiográficas** (Mackpesquisa) na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

2018: Estágio docente na disciplina Projeto Arquitetônico VIII na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

2014 – 2015: Docente na Universidade Cidade de São Paulo nas disciplinas de Projeto Arquitetônico VIII e Informática Aplicada.

2012 – 2014: Pesquisadora no grupo **Gêneses e identidade cultural do bairro Higienópolis, São Paulo. Casarão Dona Veridiana, Mackenzie College e a Vila Penteado: história e requalificação** (Mackpesquisa) na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

2009: Pesquisadora no grupo **Trilhas urbanas, roteiro cultural e arquitetônico: Avenida Higienópolis**, parceria entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Mackenzie e do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/ Mackenzie.

2007 – 2008: Estágio, pelo Master Paesaggi Straordinari, no departamento de desenvolvimento de projeto de arquitetura do escritório Archilabo (Milão, Itália).

2005 – 2019: Sócia do escritório Z3 Consultoria e Projetos

Larissa Francez Zarpelon, 1981, São Paulo

Sou arquiteta, pesquisadora, professora, mãe de dois filhos. Pesquiso arquitetura, paisagem urbana e espaço público da cidade contemporânea – interesses que remontam à pesquisa realizada quando cursei, nos anos 2007 e 2008, o master **Paesaggi Straordinari – Paesaggio Arte Architettura, no Politécnico de Milão**. Fruto desse curso foi a dissertação intitulada **Paesaggi “patologici” – una riflessione sul paesaggio, luogo e identità** (Paisagens “patológicas”: uma reflexão sobre paisagem, lugar e identidade), em que propus relações entre as intenções, declaradas pelos autores, em algumas intervenções na paisagem, de diferentes escalas, e os resultados obtidos de fato, que muitas vezes divergiam do que era previsto – considerando como fatores importantes as possibilidades de apropriação dos lugares por parte da população frequentadora ou usuária, tendo, ao lado do projeto, o tempo como fator fundamental.

Meu interesse por considerar de maneira teórica e crítica o tema do espaço público e de seu uso pela população teve continuidade no mestrado acadêmico cursado na **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie**, ocasião em que pesquisei a Virada Cultural, evento então considerado ousado e inovador em diversos aspectos, principalmente naquele que permite vislumbrar hipóteses de ocupação e sociabilidade nos espaços

públicos no Centro Histórico da cidade de São Paulo. Concluí o mestrado com a dissertação **Espaço público e ocupação efêmera: a Virada Cultural como instrumento de requalificação do Centro Histórico de São Paulo**.

Depois de adquirir alguma experiência em docência, na **Universidade Paulista**, principalmente nas disciplinas de **Projeto Arquitetônico – Intervenção Urbana e Projeto Urbano e Paisagístico – Espaços Abertos**, voltei à pesquisa do tema do espaço público, no doutorado, dando seguimento às reflexões iniciadas há pouco mais de uma década. Desta vez, me debrucei sobre o tema das arquiteturas que contribuem na consolidação do sistema de espaços abertos coletivos nas cidades latino-americanas.

Durante o desenvolvimento do doutorado, tive contato com as pesquisas sobre arquitetura contemporânea latino-americana desenvolvidas pela Prof^a. Dr^a. Ruth Verde Zein, que participava, na ocasião, do comitê curatorial internacional de seleção de obras do Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona – espaços abertos/ espaços coletivos, iniciativa proposta pela Fundação Rogelio Salmona de Bogotá, Colômbia, que visa a promover, valorizar e divulgar projetos de arquitetura que criaram espaços abertos coletivos, contribuindo para a criação de cidades mais humanas. No íterim da pesquisa, **integrei o comitê curatorial internacional de seleção das obras da Região Brasil para o terceiro ciclo do Prêmio Salmona (2018)**, encabeçada pelo Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Gonçalves. Concluí o doutorado em dezembro de 2020, com a tese intitulada **Intenções de diálogo entre arquitetura e cidade: aproximações às obras do Prêmio Salmona**.

De 2005 até 2019, fui sócia do escritório **Z3 Consultoria e Projetos**, onde desenvolvi e coordenei projetos arquitetônicos e gerenciamento de obras de pequena e média escalas. Hoje atuo autonomamente como arquiteta.

Em 2020, integrei a articulação e formação da **Chapa 1 CAU + Plural** para as eleições do CAU/ SP e, em 2021, passei a participar do **Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/SP)** como suplente de conselheira.

LOUISE LENATE FERREIRA DA SILVA

lenatefsilva@gmail.com | (5511) 96376 6498

Arquiteta e Urbanista

FORMAÇÃO

- 2011 – 2017** Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Trabalho Final de Graduação: “Vila Maria Zélia - expressão do conflito entre valores para preservação”, orientação de Prof^a. Dr^a. Flávia Brito do Nascimento
- 09.2019 – 11.2019** Curso “Gestão do Patrimônio Cultural: caminhos e fronteiras”, organizado por Vanessa Fernandes Corrêa, no Centro de Formação e Pesquisa do SESC

ATUAÇÃO

- 08.2018 – 12.2020** Mediação e pesquisa no Projeto de Visitas Patrimoniais [antiga Residência Educativa] do Núcleo de Artes Visuais do SESC Pompéia
- 08.2019 e 12.2020** Participação na programação da Jornada do Patrimônio [DPH-SMC-PMSP], edições de 2019 e 2020
- 05.2019** Apresentação em palestra sobre o LabRaça-FAUUSP na VII Jornada Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, “Arquiteturas Possíveis – a dimensão política da arquitetura no panorama atual brasileiro”
- 02.2017 – 02.2018** Estágio no Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, na Coordenadoria de Identificação e Salvaguarda sob supervisão de Raquel Schenkman
- 10.2017** Apresentação do trabalho “A questão racial e a formação da cidade: um mapeamento da presença negra em São Paulo a partir das páginas do jornal ‘O Clarim da Alvorada’” no Seminário “A cidade e a sujeição racial”, Laboratório Raça e Espaço Urbano, FAUUSP
- 08.2016** Apresentação em palestra sobre a Vila Maria Zélia no Seminário “O patrimônio ocupado: habitação, cultura e direito à memória” realizado pelo CPF-SESC
- 12.2015 – 12.2016** Pesquisa de Iniciação Científica “Os negros em São Paulo (1924 – 1932) – Um mapeamento a partir das páginas do jornal ‘O Clarim da Alvorada’”. Orientação de Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Castilho Barone com financiamento FAPESP

- 08.2015 – 11.2015** Estágio PRCEU-USP em desenvolvimento do “Portal da Imprensa Negra Paulista” - usp.br/impresnanegra, sob coordenação de Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Castilho Barone

- 08.2015 – 04.2018** Participação no Grupo de Estudos do Laboratório Raça e Espaço Urbano, com leitura, discussão e incorporação conjunta de bibliografia temática em pesquisas acadêmicas sob orientação de Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Castilho Barone

- 08.2015 – 12.2015** Mediação de projeto participativo LABUR-FFLCH-USP/DPH/CONDEPHAAT: “Projeto de Recaracterização Participativa da Vila Maria Zélia”, com atividades de participação de moradores e moradoras e atividades organizativas entre representantes das entidades envolvidas.

- 03.2014 – 03.2015** Pesquisa Acadêmica – Bolsa Ensinar com Pesquisa – USP, Frente de Mapeamento Histórico da pesquisa “65 anos de produção de projetos públicos de EDIF – Departamento de Edificações da Prefeitura do Município de São Paulo”, sob coordenação de Prof.^a Dr.^a Rosana Helena Miranda

- 06.2020 – 12.2020** Criação de conteúdo para newsletter quinzenal D-Journal, para D-aura Brand

- 06.2016** Apresentação em debate da série “Debates Contemporâneos – tema: apropriação cultural”, organizado por Prof. Rafael Prado na Biblioteca Municipal Hans C. Andersen

- 06.2016** Colaboração na montagem da exposição “Imprensa Negra Paulista”, no Centro de Preservação Cultural da USP

- 07.2012** Colaboração na exposição “Ruína e Demolição”, no Centro de Preservação Cultural da USP

- 02.2015 – presente** Participação em grupos livres de leitura, discussão e atividades nos temas de Arquitetura e Urbanismo e Filosofia, em ateliê mantido por Adriano Bechara

Louise Lenate Ferreira da Silva, 1993, São Paulo

Sou graduada em arquitetura e urbanismo, tendo atuado principalmente na área de preservação de patrimônio cultural e com experiência de pesquisa em relações raciais no espaço urbano. Por parte de mãe, descendente de uma “família operária” de imigrantes italianos e portugueses radicados na zona leste de São Paulo; por parte de pai, herdeira das condições restritas e apagamentos impostos a uma família negra descendente das populações escravizadas pelo norte do interior de São Paulo. Meus pais me proveram condições de estudar em colégios particulares em três zonas distintas da cidade até alcançar a universidade pública localizada na quarta zona, percorridas quase sempre com o transporte público, o que também me proporcionou contatos com um espectro bastante variado de condições sociais e espaciais ao longo da vida.

Optei por essa graduação ainda criança, no momento em que minha mãe contratou uma arquiteta para reformar nossa casa, que fica em uma antiga vila operária tombada enquanto patrimônio municipal e estadual, pelo CONPRESP e CONDEPHAAT. Apesar do interesse inicial pelo projeto residencial, não pude deixar de me envolver com a problemática da preservação das ruínas e da memória da Vila Maria Zélia, o que transformei em tema do meu trabalho final de graduação, orientado pela Professora Doutora Flávia Brito do Nascimento e facilitado pelo contato direto com a Associação Cultural local. Anteriormente, tive a oportunidade de colaborar com o “Projeto de Recaracterização Participativa da Vila Maria Zélia”, realizado através de uma parceria entre CONDEPHAAT, DPH e o LABUR-FFLCH-USP (Laboratório de Geografia Urbana), com a participação de moradores e moradoras da Vila. Simultaneamente ao tfg, no ano de 2017 estagiei no próprio Departamento do Patrimônio Histórico, na antiga Coordenadoria de Identificação e Salvaguarda, junto à técnica Raquel Schenkman, principalmente nos trabalhos de tombamento do Centro Histórico da Penha e na conclusão dos desdobramentos do antigo IGEPAC do bairro da Liberdade.

Ainda em meados da graduação, em 2014, me envolvi com a experiência de pesquisa acadêmica através do programa Ensinar com Pesquisa, da USP, colaborando com a Professora Doutora Rosana Helena Miranda na Frente de Mapeamento Histórico da pesquisa “65 anos de produção de projetos públicos de EDIF – Departamento de Edificações da Prefeitura do Município de São Paulo”. Em seguida, a partir de 2015 elaborei meu projeto de Iniciação Científica orientada pela Professora Doutora Ana Cláudia Castilho Barone, “Os negros em São Paulo (1924 – 1932) – Um mapeamento a partir das páginas do jornal ‘O Clarim da Alvorada’”. Ao longo do trabalho, de 2015 a 2018 acompanhei o surgimento e atividades do Grupo de Pesquisa em Estudos de Raça e Espaço Urbano, coordenado pela mesma professora, até sua consolidação enquanto Laboratório Raça e Espaço Urbano.

Recém formada, em agosto de 2018, fui contratada para o Projeto de Residência Educativa do Núcleo de Artes Visuais do SESC Pompéia. Ao longo de sua elaboração, tornou-se o programa de Visitas Patrimoniais, ainda em implementação, suspensa pelo atual contexto da pandemia. A atividade consiste na realização de uma pesquisa contínua que embasa a mediação das visitas patrimoniais pelos espaços da unidade, tornando a pesquisa multidisciplinar em uma alternativa para a educação patrimonial. Desde o início da graduação, estive permanentemente envolvida com o Movimento Estudantil através da participação em atividades do Grêmio Estudantil da FAU-USP, o atual gfaud, também com a formação do Coletivo Feminista Mayumi Watanabe e Coletivo Malungo, além da participação na BATERIA FAUUSP, no Coro de Carcarás e nas atividades de produção de eventos e discotecagem em eventos destes e outros grupos.

LUCIENE GOMES

lucienegomes@ufrb.edu.br (55/16) 98333 3947

Arquiteta e Urbanista

FORMAÇÃO

2016-2019: Doutorado pela Universidade Federal de São Carlos, no Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da com o título: “**Análise dos conteúdos sobre Acessibilidade e Desenho Universal nos cursos públicos de graduação em Arquitetura e Terapia Ocupacional no Brasil**”

2012-2014: Mestrado em Terapia Ocupacional pelo Departamento de Terapia Ocupacional da com o título: “**Acessibilidade em edifícios públicos de cultura em uma cidade de médio porte do estado de São Paulo**”, na Linha de Pesquisa “Promoção do Desenvolvimento Humano nos Contextos da Vida Diária”, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luisa Guillaumon Emmel

2002-2010: Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade de Iniciação Científica (IC), com uma pesquisa intitulada: “**A cidade ampliada e o desenvolvimento local no Brasil: A construção social do desenvolvimento urbano tecnológico no interior de São Paulo**”

ATUAÇÃO

2020-atual: Professora na **Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)**, no Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade, alocada no curso de Engenharia de Tecnologia Assistiva e Acessibilidade, nas disciplinas “Desenho Técnico” e “Introdução às Tecnologias”

2020-atual: Membro titular da área de Engenharias no Grupo de Trabalho, “**Pauta Estruturante para Implantação do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade - CETENS**”, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

2020-atual: Membro do Grupo de Trabalho, “**Projeto do Espaço Regional de Referência em Tecnologia Assistiva e Acessibilidade**” da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

2020-atual: Vice Coordenadora do projeto de extensão e cultura da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás, “**Pipoca e Paisagem**”, que visa à promoção da expansão do conhecimento sobre a arquitetura da paisagem, com seus respectivos desdobramentos (preservação ambiental, conservação do patrimônio e sensibilização para a paisagem)

2020-atual: Membro do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudo e Pesquisa em “**Acessibilidade, Corpo e Cultura – GEPACC**”

2012 – atual: Articulista da **Revista Reação**

2020-2020: Professora voluntária na Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás, na disciplina “**Sensibilização da Paisagem**”, inserida na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas e na Matriz Curricular de Arquitetura e Urbanismo

2012-2020- Professor de Curso de Educação nas Áreas de Design e Arquitetura. Educação Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, atuando em cursos nas competências de “Estrutura de Projetos de Design de Interiores”, “Projeto Design de Interiores Residenciais – Comerciais – Ponto de Vendas”, “Planejamento e Acompanhamento da Execução de Projetos de Design de Interiores”, “Iluminação” e “Paisagismo”.

Luciana Gomes, 1977, São Carlos

Meu nome é Luciene Gomes, nasci e passei minha vida (quase) toda em São Carlos, interior de São Paulo. Foi nela que minha mãe dividiu minha criação com os meus avós, todos muito simples, mas que desde sempre souberam que a educação seria parte fundamental da minha vida. Estudei em escolas públicas desde sempre, comecei a trabalhar ainda no ensino médio e mesmo conciliando o trabalho como os estudos, consegui entrar no curso de enfermagem, na Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto via FUVEST, um sonho que muitas vezes duvidei que realizaria.

Foi um ano que estudei muito, fui feliz em muitos momentos, mas em outros duvidei da minha capacidade e da minha escolha. Nas minhas primeiras férias procurei um trabalho voluntário ao qual intitulei de “estágio”, e passei quase todas as manhãs daquele período em uma unidade básica de saúde. Foi incrível poder em meio a triagens, pré consultas, curativos de diferentes dimensões e circunstâncias poder conhecer pessoas com realidades tão diferentes da minha. Ali entendi que eu tinha feito a escolha certa.

Mas tudo mudou quando, após um mergulho, acordei com meu corpo paralisado, sem poder mexer nada do pescoço para baixo. Foi um longo período de reabilitação, adaptação, redescobertas e, aos poucos, fui aprendendo a lidar com minha nova condição física, eu havia ficado tetraplégica!

Minha vida acadêmica também estava comprometida à medida que eu não poderia continuar o curso de enfermagem, fui vista como alguém “incapaz e inapta” para a profissão, dado as minhas condições físicas. Ainda assim, tinha certeza que voltaria para a universidade. Tive que recomeçar, rever minhas escolhas e pensar em novas possibilidades, e de repente fui fazer arquitetura, de novo na USP, mas agora em São Carlos.

Pra quem não sabe, ser tetraplégica e não movimentar minhas mãos, faz com que eu tenha muitas dificuldades para fazer coisas que para outras pessoas são bem simples. Isso acontece quando quero por exemplo segurar um garfo para comer, ou coçar alguma parte sensível do meu corpo, me maquiar, escovar, escrever, teclar, apontar, acarinhar, entre tantas outras coisas. Aprendi a me adaptar e realizo muitas tarefas com movimentos inventados, recriados, esforçados e repetidos exaustivamente. A faculdade exigiu de mim muitas habilidades mentais e físicas, a arquitetura me fez aprender a usar a prancheta, sendo assessorada pelos esquadros, escalímetros, papéis de muitas gramaturas e texturas, canetas e lapiseiras. Heverson Tanashiro, meu maravilhoso professor de desenho técnico, foi um maestro de parte da minha épica jornada, e um dos poucos que acreditaram que alguém tetraplégica poderia sim ser arquiteta.

Pensar em inclusão no início dos anos 2000 não era como hoje, sei que foi difícil para todos os envolvidos lidar com alguém com uma pessoa com deficiência “severa”, já que arquitetura é um curso que exige habilidades tão específicas. Os prazos para entregar os meus trabalhos não eram diferentes aos dos meus colegas, e nem tinha tempo extra para a realização das provas, mas dei conta das tarefas em um processo quase solitário. Encarei longas viagens de ônibus, nas chamadas viagens didáticas que foram realizadas com sucesso mesmo sendo literalmente carregada escada abaixo, escada acima em ônibus inacessíveis, desbravando as cidades em roteiros que de acessíveis não tinham nada, mas que me fizeram apaixonar pela arquitetura. Consegui também fazer uma iniciação científica com a bolsa PIBIC/CNPq e tive meu primeiro contato com o Design Universal por meio do professor Ricardo Gomes da Universidade de São Francisco, o privilégio de conhecer o arquiteto João Figueiras Lima, o Lelé que entre outros inúmeros projetos idealizou a rede de Hospitais Sarah Kubitschek, onde me reabilitei.

Foi muito difícil, mas sempre com o apoio incondicional da minha família, nos graduamos.

Depois da faculdade era hora de escolher novos caminhos com projetos já voltados para a acessibilidade, mas logo resolvi que iria fazer o mestrado, depois o doutorado, e que seria no curso de Terapia Ocupacional, na Universidade Federal de São Carlos. Ainda hoje muitas pessoas me perguntam por que na Terapia Ocupacional (?), e minha resposta é simples, acredito que os conceitos que olham para a “pessoa” na TO, complementam meu olhar de arquiteta.

Tive a sorte de ser orientada pela Mallu Emmel e co-orientada pelo Daniel Marinho, professores que me fizeram ampliar os meus horizontes e, ter a certeza que a acessibilidade, o desenho universal e a inclusão, conceitos tão importantes podem propiciar condições de máxima igualdade entre pessoas. E quando isso acontecer, o mundo será melhor.

Foram 6 anos de pós graduação e para me tornar “doutora” em TO, a primeira tetraplégica da América do Sul, com muito orgulho, mas sem vaidade.

Desde 2012 sou professora, e desde 2020 na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que está inserida em um lugar onde a arte e a história são pujantes, no primeiro (e necessário) curso de Engenharia de Tecnologia Assistiva e Acessibilidade, em uma instituição onde a diversidade importa, que as políticas afirmativas são entendidas e não apenas cumpridas, que os diferentes campus buscam cada vez mais se aproximar das comunidades, já que essas não podem esbarrar nos muros construídos e nem naqueles invisíveis que muitas vezes são barreiras intransponíveis. E nessa jornada contei sempre com o apoio incansável dos meus avós e da minha mãe, eles que sempre me possibilitaram tantas descobertas, me soltaram para o mundo, acreditaram quando eu não tinha certeza, que ensinaram que os degraus devem ser ocupados mesmo estando em uma cadeira de rodas, que tanto brigaram por caminhos mais acessíveis, que me empurravam e me seguravam com tanta segurança que não tinha medo de cair, até porque aprendi que cair faz parte da vida, e eles estariam por perto, com os braços e mãos estendidos para me ajudar a ficar em pé de novo.

E sigo aproveitando todas as oportunidades, ensinando sem deixar de aprender, e diariamente procurando contribuir para deixar os espaços e as pessoas mais acessíveis e inclusivas, e isso são premissas da minha vida, que me fazem estar sempre em movimento, ajudando a formar grandes pessoas, os alunos que são minha maior motivação.

PEDRO CARDOSO SMITH

pedro.c.smith@gmail.com (55/11) 98284.9954

Educador e Arquiteto e Urbanista

FORMAÇÃO

2006: Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie com título: “Fragmento cultural e urbanístico de uma estratégia econômica para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar”. Orientadora: prof. Dra. Nadia Somekh

2009: Especialista (lato Sensu) em “Habitação e Cidade” pela Escola da Cidade

2001: graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie

ATUAÇÃO

2018-atual: Integrante da UMAPAZ, Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, **Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente de São Paulo (SVMA)**. Docente. Desenvolvo e coordeno cursos gratuitos para toda a população. Integrante também da equipe do 3º Inventário de Gases de Efeito Estufa do município de São Paulo.

2013-atual: Docente na Universidade Paulista, nas disciplinas “Projeto Arquitetônico: Habitação Coletiva Baixa Densidade”, “Projeto Arquitetônico: Habitação Coletiva Alta Densidade” e Atividade Prática Supervisionada (APS)

2014- 2016: Integrante do Núcleo da Cidadania Cultural, **Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (SMC)**, departamento responsável por fomento e acompanhamento de agentes e grupos culturais que atuam na periferia da cidade, com os seguintes Programas: VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), Agentes Comunitários de Cultura, Aldeias (indígenas), Pontos de Cultura e Lei de Fomento à Periferia. Coordenei a região denominada leste 1: Mooca, Vila Prudente, Sapopemba, Aricanduva e São Mateus. Acompanhamento das atividades culturais, integração territorial, planejamento da política pública, formação para Prestação de Contas dos fomentados, entre outras funções.

2008-2011: Integrante da **Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo - Habi (Sehab-Habi)**. Revisão do Plano Diretor Estratégico de São Paulo (lei 16.050 de 2014), aspectos referentes à habitação de Interesse Social (HIS); e do Plano Municipal de Habitação de São Paulo (PMH). Trabalhei definindo os parâmetros e desenvolvendo os mapas de ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social); *Trabalho anterior:* Integrante da equipe de Plano Urbanístico das favelas de São Paulo, tais como São Francisco Global (região leste de SP); *Primeiro trabalho:* Urbanização das favelas de Paraisópolis e Jardim Colombo. Supervisor da equipe física, com funções como: pós-ocupação de áreas urbanizadas, projetos de readequações de moradias e de áreas de lazer; atividades de vistorias de domicílios e reuniões com moradores relacionadas a áreas de risco; acompanhamento de urbanização de quadras; assembleias, Conselho Gestor; análise de projetos de arquitetura a serem implantados de diversos escritórios de arquitetura; organização e acompanhamento de visitas em campo (Universidades, ministros de estados, entre outros); pesquisa e subsídio para variados estudos e trabalhos, tais como Plano de Resíduos Sólidos, Bial de

Roterdã sobre Paraisópolis; Mobilidade, Plano Diretor; acompanhamento com equipe jurídica de questões fundiárias, entre outras atividades. Fui supervisor do processo de Eleições para representantes do “Conselho Gestor de Paraisópolis gestão 2011- 2012”. Por fim, fui “*Colaborador de curadoria*” da Exposição “Cidade Informal no Século XXI”, exposta no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, e posteriormente no Rio de Janeiro, Recife, Berlim, Veneza e Roterdã

<http://cidadeinformal.prefeitura.sp.gov.br/?p=965&lang=pt-br>

2007-2008: Desenvolvimento, pelo **Escritório Diagonal Urbana Consultoria**, de Diagnóstico Socioeconômico do território sul de Minas Gerais (14 municípios no total), para Companhia VALE. Trabalho como arquiteto sênior na equipe Urbano Ambiental.

2005-2007: Integrei equipes de planejamento urbano da **Associação Casa Azul**, Paraty/ RJ e também do **ISA** (Instituto Sócio Ambiental), São Paulo.

2002-2004: Integrei a equipe responsável pelo primeiro “Inventário Ambiental dos Recursos Hídricos e Orla Marítima do Município de Fortaleza.”, pelo escritório **PPAU - Projeto e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo - em parceria com a prefeitura municipal de Fortaleza. Fortaleza/CE**. Antes, fui integrante da equipe do **Escritório Legfor - parceria entre Prefeitura Municipal de Fortaleza e Astef (Associação da Universidade Federal do Ceará). Fortaleza/CE**, responsável pela Revisão e Atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental do município e Fortaleza (PDDUA), e suas leis complementares (Código de Obras, Lei de Uso e Ocupação do Solo, Código Ambiental, entre outras)

OUTRAS FORMAÇÕES RELEVANTES

-Curso *Arquitetura Ecológica: outras formas de habitar*, EKÔA PARK, coordenação de Tomaz Lotufo, 2020

- Curso *Decifrando o Direito à Cidade*, Instituto Pólis, 2020

- Curso *Raça e Cidade*, Cartografias Negras, Instituto Pólis, 2020;

- *Seminário Nacional de Planejamento Alternativo*, parceria Instituto Pólis e Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU-SP), realizado nos dias 19, 20 e 21 de Fevereiro de 2019;

- Curso *Dimensões do Intervir em favelas: desafios e perspectivas*. Módulos: As regras da autoconstrução da moradia em Favelas; Provisão habitacional em Favelas - o caso de Heliópolis; Intervenções em Favelas - elementos do direito à moradia; Militância em intervenção em Favelas; parceria entre LABLAJE e Instituto Pólis, realizado entre 03 e 24 de Março de 2018;

- Curso de alfabetização para jovens e adultos. NTC (Núcleo de Trabalhos Comunitários). PUC/ SP (Abril e Maio/ 2005). Integrante de um projeto de alfabetização para jovens e adultos no Bexiga, denominado Projeto Pena-Forte (2007/ 2008);

Pedro Cardoso Smith, 1977, São Paulo

Formei-me em Arquitetura e Urbanismo e cada vez mais tenho me entendido como **educador**. Atualmente leciono em duas grandes instituições, uma privada e outra pública: **Universidade Paulista e Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ)**, respectivamente.

Nestes locais de trocas de conhecimentos e olhares do mundo, tenho buscado cada vez mais me aprofundar em formas de viver coletivamente de maneira respeitosa, plural, tolerante, sem perder nossa crítica e agonia por tanta desigualdade social que sempre perdurou e pelo apagamento dos nossos povos originários. Referente às habitações, também participei, por um breve mas marcante período, do **Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)**, que me fez ter mais convicção das lutas que apoio.

Pela Universidade Paulista, onde leciono disciplinas de Habitação Coletiva, meu foco tem sido, há anos, o estudo de **Habitações Sociais**, o entendimento da formação das favelas, além de outros aspectos como questões fundiárias. Pela UMAPAZ, além do interesse ao **Direito à Cidade** (em suas diversas dimensões sociais, urbanas e ambientais), iniciei estudos sobre os **Guarani-Mbya** e toda sua sabedoria, espiritualidade e integração ao meio ambiente. Estes estudos estão servindo de base para os novos cursos e atuações.

Outro aspecto que identifico como bastante relevante na minha trajetória, é uma busca de coerência na atuação diária como servidor público municipal. Desde que me tornei funcionário público, tenho buscado locais de muito engajamento profissional e de fortalecimento de **políticas públicas** que, cada vez mais, tenho entendido como vitais para qualquer projeto de civilização básica!

Sobre estas experiências, iniciei na Secretaria Municipal de Habitação, trabalhando com **urbanização de favelas**, notadamente em Paraisópolis, uma das maiores de São Paulo, onde tive um enorme aprendizado com a urgência da vida: barracos caindo em dias de chuva, articulação com defesa civil, a questão do tráfico de drogas, a relação conflitante entre empreiteiras, moradores e prefeitura; a sensação de “enxugar” gelo em diversos momentos, entre tantos outros sentimentos conflitantes. Após esta experiência, atuei na **elaboração do Plano Diretor Estratégico (PDE) vigente** de São Paulo, definindo, conjuntamente com a equipe, as diretrizes para as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) e elaboração do mapeamento destes locais. Em seguida a este momento de término do PDE, transferi-me para a Secretaria Municipal de Cultura para integrar uma equipe maravilhosa que trabalhava com diversos programas de **fomento cultural na periferia** e também com as aldeias indígenas Guaranis, entre eles: **Programa VAI, Fomento à Periferia, Aldeias, Jovem Monitor, Pontos de Cultura**. Atuávamos nas periferias, acompanhando os grupos artísticos e culturais por toda a cidade, viabilizando seus projetos e buscando articulá-los entre si. Era uma política pública que buscava oferecer muita autonomia aos participantes, num processo de acompanhamento e formação muito atentos. Trabalhei como supervisor de trecho da Zona Leste de São Paulo. Por fim, encontro-me atualmente na UMAPAZ, como já colocado acima, onde buscamos fazer formações continuadas não apenas para munícipes interessados, mas também através de parcerias com Secretarias de Educação, Esportes, Saúde, entre outras.

PEDRO VINICIUS ALVES

dropedroalves@gmail.com (55/11) 94577 - 6337

Pesquisador, educador e poeta

ATUAÇÃO

2017 – Atual : Cartografia Negra

Setembro/17 início - Coletivo Cartografia Negra: Pesquisador, articulador e educador. Um dos responsáveis pela pesquisa sobre a história da população negra em São Paulo, fazer contato com movimentos sociais ligados à questões raciais, o coletivo produz um curso sobre essa história para alunos do ensino médio e também organizamos caminhadas por pontos históricos importantes para população negra no centro de São Paulo.

Junho/18 - Atividade Volta Negra - Realizamos a atividade na Escola Nossa Senhora das Graças, três encontros com alunos do segundo ano do ensino médio, dois encontros em sala de aula onde discutimos sobre racismo, estrutura familiar e aguçamos a sensibilidade dos alunos para tais temas e uma saída de campo que fazemos pelos pontos históricos pesquisados pelo coletivo.

Agosto/18 - Atividade Pública Volta Negra - Por meio de um evento aberto criado no facebook e divulgado pelos meios de comunicação Revista Vaidapé, Alma Preta e Catraca livre, o coletivo Cartografia Negra, recebeu um grupo de pessoas de diferentes idades e meios sociais, para realizar a caminhada histórica pelo centro da Cidade de São Paulo. O evento ocorre todo mês, desde sua criação.

Janeiro/19 - Formador em Cartografia Cultural - Atividade realizada para o Programa de Formação de Jovens Monitores Culturais da cidade de São Paulo, à convite do Cieds.

Ao longo de 2019 - Voltas Negras: Percurso feito pelos pesquisadores e educadores do coletivo Cartografia Negra, para um turma de alunos do ensino média do colégio Móbile, dentro do projeto Móbile na Metrópole; Volta Negra no Dia Mundial pelo Direito à Cidade – Atividade realizada em parceria com a Plataforma Global pelo Direito à Cidade, Instituto Pólis e Coletivo Cartografia Negra; Volta Negra em parceria com o M.I.T. – Realizamos uma Volta Negra para a turma de um curso de extensão do M.I.T.

Agosto/19 – Parceria com o Instituto Pólis – Por meio de um edital do Instituto Pólis, o coletivo cartografia Negra, realizou as Voltas Negras durante o segundo semestre de 2019, desenvolveu e espalho pelo centro de SP, lambes demarcando o território pesquisado.

Maio - Agosto/20 – Curso “Raça e Cidade” em parceria com o Instituto Pólis – Desenvolvimento e divulgação do curso. Curso realizado no mês de agosto.

Agosto/20 – Circuito de lives “Povos negros, memória e cidade.” – Atividade realizada para o projeto da Secretária de Cultura do Município de São Paulo, “Bibliotecas online”

Novembro/20 – IMS Convida

Janeiro/21 – Ocupação no Instagram do IMS Educa – Criação de conteúdo virtual para a rede social do educativo do IMS

Janeiro – Fevereiro/21 – Artigo para a revista Rampa do Sesc 24 de maio – Escrita do artigo em janeiro para a publicação em fevereiro.

2014 – 2015 : Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo: Estagiário no Departamento de Bibliotecas e Leitura. Responsável pelo contato com as bibliotecas do Estado de São Paulo, manutenção do SisEB (Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo), organização de eventos como o *VII Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias* (2014) e também o *VII Festival da Mantiqueira* (2014).

2013 – 2017 - Revista Vaidapé: Curador Lúdico. Responsável pela seleção de textos e ilustrações para publicações online e impressas, organização dos festivais de lançamento das edições impressas, produção de feiras e exposições de arte, saraus e debates sobre o mercado da arte e um dos responsáveis por escrever o projeto das revistas V e VI aprovados pelo PROAC.

2014 -2015 - Grito do Pé Preto - Projeto aprovado pelo edital Redes e Ruas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, onde o coletivo Vaidapé organizou um curso sobre mídias independentes na Casa de Cultura do Butantã, para alunos da rede pública municipal de São Paulo.

2016 - Coordenador do Núcleo Lúdico das edições V e VI da Revista Vaidapé - Responsável por criar e selecionar o conteúdo artístico que iria compor essas edições da revista impressa, aprovadas no PROAC no ano anterior.

2016 - Festivais de Lançamento das edições V e VI da Revista Vaidapé - Responsável por auxiliar na organização dos festivais de lançamento de cada edição, entrando em contato com patrocinadores do evento e com os artistas convidados para as apresentações.

FORMAÇÃO

2014 - ESP – SP – Ciências Sociais – Incompleto

2011 - PUC – SP – História – Incompleto.

Pedro Vinicius Alves, 1992, São Paulo

Enquanto eu estava no ensino médio, passei por uma grande dúvida, se cursaria História ou Economia, meu pai havia se formado em Economia pela PUC-SP, no início dos anos 80 e me recomendou que pensasse bem em qual curso eu faria e me incentivou a prestar os vestibulares da USP e PUC, caso eu decidisse pelo curso de História e caso fosse para Economia, algumas outras universidades também foram incentivadas. No último ano do ensino médio, optei por fazer Economia, passei em algumas universidades e fui para a segunda fase da FUVEST, não passei para a FEA-USP, então resolvi estudar mais um ano para tentar novamente a prova, mas no decorrer ano, me decidi pelo curso de História, fui aprovado na PUC e novamente, fui para segunda fase da FUVEST no ano em que a segunda fase não era de questões específicas, de novo, não passei e fui cursar na PUC.

Chegando lá, um ambiente bem diferente do que eu tinha vivido anteriormente, embora que com muitas semelhanças, sempre durante o decorrer do curso, existia um sentimento de não pertencimento ao espaço e ao modo como a academia funcionava, mas até então, não entendia bem o motivo desse distanciamento, em um dado momento senti que deveria mudar de curso e de universidade, uma vez que ali não estava sendo o meu lugar. Sai da PUC e fui cursar Sociologia e Política na ESP (Escola de Sociologia e Política), nessa segunda graduação iniciada, me reaproximei com as pesquisas e alguns assuntos

que me motivavam a pesquisar mais, porém, a academia continuava sendo um problema, mas a esse ponto, eu já conseguia identificar alguns dos motivos pelos quais eu não me sentia plenamente integrado nesse sistema,

Sentia falta de uma maior pluralidade dos teóricos estudados, sentia um grande distanciamento do conhecimento acadêmico em relação a população geral da cidade, fui percebendo o que hoje eu sei que se chama racismo estrutural no sistema de ensino. Durante esse tempo todo, nunca havia me distanciado de uma das minhas paixões, a poesia. Eu trabalhava em paralelo à faculdade e o trabalho na Secretaria de Cultura, em uma revista de mídia independente, da zona oeste de São Paulo, revista Vaidapé, que foi criada por alguns amigos, na região do Butantã, que é onde moro. Esses atravessamentos que eu tinha com o sistema de ensino, se manifestavam no meu trabalho artístico, até que em certo momento, resolvi focar nesse trabalho, tanto de escrever meus textos, e também o de curador do núcleo lúdico da revista, fiquei assim por volta de um ano. Até que, a Raissa, me veio com uma ideia de pesquisa, que me interessei muito, a partir disso, começamos a pesquisar mais e convidamos a Carolina, e assim se deu a formação do Coletivo, Cartografia Negra.

Nesse trabalho, que me fez voltar para o mundo das pesquisas e da educação, algo que já havia descartado da minha trajetória, percebi que meu problema não era com as pesquisas ou com o fato de dar aulas e sim, com o racismo da academia, que nos faz estudar praticamente, só teóricos europeus e com o sistema de ensino tradicional e engessado que temos na maior parte das escolas do país. Percebi, que essa pesquisa, sobre as histórias da população negra, que foram e são constantemente apagadas pela narrativa oficial no país e principalmente, de São Paulo, onde é o foco da pesquisa do coletivo, dizia muito sobre mim, minha vida, minha família e a possibilidade que nos damos de criar nossas dinâmicas, uma vez que não estamos dentro do sistema formal de ensino. Sabemos que a história da população brasileira, é feita de diversos povos, mas os livros priorizam a história da elite branca, escravista e nos nega a história dos povos originários e negros que construíram as riquezas desse país. Assim como, dentro da minha própria família e da de milhões de brasileiros, miscigenados, que conhecem muito mais a sua ancestralidade branca, do que sua ancestralidade negra.

Partindo dessa ausência pessoal, que nós três do coletivo sentíamos, olhamos para o sistema de ensino e a construção da cidade, não apenas os planos urbanos e sim, as motivações de tais planos, como o projeto de embranquecer a população funcionou para apagar essas histórias dos seus criadores e como o sistema de ensino opera na manutenção desse apagamento. Percebemos que essas faltas não eram apenas nossas e sim uma falta para toda a população, algo que dificulta a criação de uma identidade nacional completa, tendo em vista que somos diversos, não podemos ter uma história única e branca.

Começamos então, a criar atividades, cursos, visitas de campo e tudo mais que nos ajudasse à levar nossa pesquisa, para as ruas, para a população diretamente, sem precisar passar pelos caminhos da academia, que tanto exclui e segrega o conhecimento. Hoje, faz mais de três anos que estamos pesquisando e atuando na área de pesquisa e educação, levando nossas pesquisas para escolas e institutos, assim como, para a rua, em ação direta, por maio da Volta Negra, atividade que antes de entrarmos em pandemia, no ano passado, realizamos todos mês, fazendo chuva ou sol, em um sábado do mês estaríamos no centro de São Paulo, compartilhando nossas pesquisas e nossas vivências com quem quisesse participar, já que as Voltas Negras, feitas deste modo, abertas aos sábados, eram eventos livres, sem custo obrigatório, apenas contribuições voluntárias.

Toda essa história representa um pouco dos meus caminhos para chegar até aqui, as idas e vindas dentro do mundo da educação e pesquisa, o encontro com um propósito maior, fazer parte de um grupo, que hoje sei que é grande, de figuras que buscam manter vivo, o legado da população negra, em meio a um Brasil que se cria e se desenvolve dentro de uma estrutura racista. E assim, seguimos.

RAISSA ALBANO DE OLIVEIRA

raissaalbanodeoliveira@gmail.com // cartografienegra@gmail.com // (5511) 961763774

Educadora e Antropóloga

FORMAÇÃO

2019: Tecnologia Social da Memória – Museu da Pessoa.

2018: Programa Entreolhares de formação em Artes Visuais: Corpo Intruso, Corpo em Cena- Itaú Cultural.

2017: Graduação em Ciências Sociais - PUCSP.

2016: Arte, História e Memória: Museus, Galerias, Espaços Urbanos e Vivências Estéticas – Faculdade Paulista de Artes.

ATUAÇÃO

2020: Participação do Programa Convida do Instituto Moreira Salles.

2020: Organização e docência do curso Raça e Cidade.

2019: Formadora na Oficina Rolês por Espaços Públicos do Instituto Pólis no dia Mundial do Direito à Cidade.

2019: Formadora no Curso A Influência da Cultura Africana na constituição na Identidade Brasileira da Secretaria municipal de Educação e DREI Ipiranga.

2019: Formadora no Programa Jovem Monitor Cultural.

2018- Atual: Educadora na Biblioteca da Fábrica de Cultura de Diadema.

Raissa Albano de Oliveira, 1993, São Paulo

Sou neta de meus avós e filha de meus pais, sou o sonho mais ousado de minhas ancestrais. Aprendi a ver o mundo de maneira crítica a partir da minha graduação em ciências sociais na **Pontifícia Universidade Católica**, a instituição que me deu base intelectual para olhar o mundo, foi também o lugar em que pude perceber racismos e toda ordem de desigualdade e preconceitos até então escondidos sob um véu colocado pela proteção amorosa de meus pais e amigos. Terminei minha formação em 2017 e me procuro no mundo, nas ruas que frequentava, nos museus que amava. Não me via nos espaços só via pessoas iguais a mim servindo ou atarefados em se deslocar para o trabalho. Era sempre confundida com uma funcionária ou garçonete, inúmeras vezes fui direcionada a entradas dos fundos ou para a área de serviço e aqui a arquitetura se mostra mestra auxiliadora pois garante que existam espaços segregados entre quem vai no elevador de serviço e quem é bem vindo na porta da frente. Assim cresci nas e brotei como água nas frestas da cidade, comecei a pesquisar a história do meu povo em diáspora e a alegria de descobrir um legado imenso politicamente invisibilizado, me inebriava e fez nascer o **Coletivo Cartografia Negra** que pari junto com meus dois grandes amores Carolina Piai Vieira e Pedro Alves.

Nosso trabalho pesquisa a história dos povos negros em diáspora no centro da cidade de São Paulo e reivindica o reconhecimento da sua influência e papel transformador nas narrativas da cidade, divulgamos a nossa pesquisa a partir de caminhadas no centro de São Paulo, que por agora estão suspensas pela pandemia.

2018 foi um ano decisivo na minha trajetória, com os trabalhos do Cartografia Negra abrindo veredas no meu conhecimento sobre a cidade, é também o momento que começo a trabalhar como educadora na **Fábrica de Cultura de Diadema**, que foi uma grande escola para poder estar perto do meu povo, pensar a cidade a partir das periferias, lá trabalhei com crianças e adolescentes expostos a diversas vulnerabilidades e ao mesmo tempo doces e afetuosos, como todas as crianças o são. Aprendi a criar coletivamente espaços de diálogo e escuta e tecer que abarcassem com as diversas subjetividades presentes em cada corpo.

Em 2019, apesar de não poder estar na cidade, fui convidada a participar de diversos debates virtuais para pensar alternativas para viver e ocupar a cidade em tempos de pandemia.

Atualmente trabalho na Fábrica de Cultura, sou professora assistente da pós graduação Cidades em Disputa da **Escola da Cidade** e pesquisadora e educadora do Coletivo Cartografia Negra. Sigo em constante transformação, assim como as cidades, com os poros abertos para que brote aqui e ali ervas daninhas, PANCs e rios.

THIAGO SOUSA SILVA

thiago.sousa.find@gmail.com (55|11) 9 45742600

Licenciatura em Geografia (graduando)

FORMAÇÃO

▪ **2015 - atual** Graduando em Licenciatura em Geografia pelo **Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia campus São Paulo**. Com a monografia: Histórias em Quadrinhos como ferramenta didática para o ensino de Geografia no Ensino Básico.

ATUAÇÃO

▪ **2018 - 2019** - Composição da Frente de Diálogos Étnico Raciais na **Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ)**: Coordenação e Facilitação de encontros voltados à diálogos do conceito de raça pelas mais diversas perspectivas, e também de cursos voltados ao ensino e aprendizado de história e cultura africana e afrodescendente na Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, órgão de educação ambiental e cultura de paz em livre percurso fomentado pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA).

▪ **2016 - 2018** - Coordenação do Grupo de Estudos AYA em conjunto ao coletivo **Quilombo Cabeça de Nego**, o qual foi também um dos fundadores. O Quilombo Cabeça de Nego é um espaço afrocentrado de pesquisa, estudo e divulgação de epistemologias e expressões culturais da população africana e afro-descendente. Composição de 5 edições do evento Semana Preta do Quilombo Cabeça de Nego ocorrido no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia campus São Paulo e no Núcleo de Consciência Negra da USP. Coordenação do Grupo de Estudos Aya ministrando encontros acerca de Manifestações Espirituais Africanas, tal qual sua História e Cultura.

▪ **2018 - 2019** - Experiência junto ao Programa de Iniciação à Docência **Residência Pedagógica**: junto ao Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia campus São Paulo vivenciando três semestres em escolas-campo diferentes em regiões de São Paulo no intuito de experimentar realidades múltiplas da sala de aula no que se trata de modalidades de Ensino Integral, Ensino Médio Técnico e Ensino Regular quanto à Regência e Avaliação Educacional de Licenciatura em Geografia.

▪ **2017 - atual** - Confecção de Material em Histórias em Quadrinhos como ferramenta paradidática para ensino de Geografia e Geomorfologia no Ensino Básico por meio da **Bolsa de Projeto de Ensino**: Pesquisa em metodologias de ensino básico de Geografia para a confecção, desenho, escrita de enredo, diagramação e edição de um material em formato de histórias em quadrinhos apresentando um enredo com começo, meio e fim, que ensine as teorias científicas clássicas da geomorfologia para os estudantes do ensino básico.

▪ **2015 - 2016** - Participante do Projeto de Iniciação à docência **PIBID** junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia campus São Paulo: Iniciativa para aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para educação básica, desenvolvido por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de

educação básica da rede pública de ensino para estudantes em licenciatura. Promove a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas, sob a orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

▪ **2012 -2012** - Projeto **ICONS do Colégio Bandeiras**: ICONS é um projeto de vivência e discussões pautadas sobre assuntos de âmbito internacional. O objetivo do projeto é não apenas a relação de jovens

com jovens estrangeiros via internet, como a conscientização dos mesmos ao dialogar sobre desarmamento, sustentabilidade entre outros assuntos em pauta quanto a problemas no mundo moderno de forma diplomática.

▪ **2002 - 2004** - Projeto de pintura junto à ONG **Casa Caiada 35**: Projeto de união entre vários artistas plásticos brasileiros, que cada um especificamente dentro de suas técnicas ensinam jovens à importância da linguagem pelas Artes Visuais e preservação do meio ambiente. Dentro da oficina ocorrem exposições dos trabalhos elaborados pelas crianças. Tudo a nível profissional.

Thiago Sousa Silva, 1994, São Paulo

Negro. Homem. Artista. Cientista. Kemet. Desde muito pequeno, influenciado pela formação intelectual, nas artes visuais e cênicas, tive um despertar na corroboração com as manifestações periféricas e o acesso aos lugares, que foram segmentos de sobrevivência. Desta forma, mesmo como bolsista num dos maiores colégios privados de São Paulo, impossível não ter sido demasiadamente crítico ao espaço, a segregação - as desigualdades. E essa mesma estrutura foi crucial na perda desta bolsa e expulsão do colégio, que para uma família de mãe negra, representou um peso, culpa e perda de uma oportunidade considerada crucial para a ascensão dos mesmos. Ainda sim, esse fator não foi uma derrota, mas uma possibilidade da consagração de um despertar - o retorno à escola pública é violento, desesperador, mas também elucidativo.

O próximo patamar atingido fora o letramento racial e a identidade como negro, na medida em que a misogênese e o brancocentrismo são estruturas algebras para transformar aqueles frutos da mestiçagem, mas que ainda carregam os fenótipos negros, nas categorias de “pardos”, “morenos”, etc. Tudo num segmento de violência que barra a identidade. Quando tal estrutura cai por terra, o que me confere é um leque de possibilidades para transformar ciclos infinitos de vidas - aprimoramento do karma. A descoberta da ciência, história e ontologia negra é uma dívida histórica que traz à tona todo o reencontro ancestral com o meu próprio eu. Dentre tantos encontros com a língua (os hieróglifos), a estética (os hieróglifos), a cosmovisão (os hieróglifos) - o despertar da espiritualidade é uma consequência que abre caminhos, para que não se fale mais em hieróglifos, mas em Medu Neter. O ceticismo, tal qual o cristianismo, são as forças motrizes da colonização, são como a cruz e a espada que tanto já mataram. O jesuíta e o bandeirante que tanto já escravizaram. A bala e a Bíblia, que ainda hoje governam. Quando se desperta o Ori para a orientação africana, o espírito se move de outra forma, não mais acorrentado - livre para ser e conceber. E a partir de então, os frutos são abundantes, e geram chaves para novos horizontes.

Desde então, é neste novo paradigma que me faço. Uma divindade em terra, que em equilíbrio onde pisa, cria vida por onde passa.

VIVIANE DE ANDRADE SÁ

vivianeandrade.sa@gmail.com (55|11) 9 87298405

Arquiteta e Urbanista

FORMAÇÃO

- **2021-atual** Doutorado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo com o título: **Corpos Ausentes, superexposição como processo de apagamento social e espacial na cidade contemporânea**. Área de concentração Projeto, Espaço e Cultura.
- **2012-2014** Mestrado em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo com o título: **Construir com [corpo]: o corpo fragmentado como dimensão do espaço**. Orientação da professora doutora Sílvia Regina Ferreira de Laurentiz e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.
- **2010-2012** Graduação em Artes Visuais (interrompida em 2012) pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Bacharelado em Multimídia e intermídia.
- **2002-2006** Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Iniciação científica com o título **Arte, Arquitetura e Paisagem: processos de intervenção na cidade contemporânea**. Orientação do professor doutor Manoel Rodrigues Alves e bolsista da Fundação para o Incremento da Pesquisa e do Aperfeiçoamento Industrial, FIPAI.

ATUAÇÃO

- **2021-2023** Conselheira do CAU/SP
- **2015-atual** Professora na Universidade Paulista nas disciplinas Seminários de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Contemporâneos, Projeto Urbano – Espaço Aberto, Projeto Arquitetônico Habitação Coletiva e Trabalho de Curso.
- **2013-2015** Membro do Grupo de Pesquisa Realidades: das realidades tangíveis às realidades ontológicas e seus correlatos na Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo.
- **2012-2014** Organização e participação do Encontro Internacional de Grupos de Pesquisa: Realidades Mistas e Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia. Temas: Os novos espaços construídos, arquitetura na era da criação digital (2012), Dispositivos (2013), A imagem do corpo como fragmento e dimensão do espaço (2014).
- **2012** Participação da Exposição EmMeio# na Universidade de Brasília com a obra coletiva $(-1) \times (-1) = 1$ Um enigma para Flusser.
- **2011** Participação do encontro com Olafur Eliasson para discussão de projetos trabalhos das faculdades de arte da Universidade de São Paulo, Faculdade Santa Marcelina e Universidade de Artes de Berlim. Participação de Mario Ramiro, Lisette Lagnado e Fabio Cypriano.

- **2007-atual** Produção técnica de projetos de arquitetura e obras artísticas que expandam a prática arquitetônica nas relações entre corpo e espaço.
- **2002-2003** Produtora de vídeos educativos no Centro de Ótica da Faculdade de Física da Universidade de São Paulo no projeto Instrumentação para o Ensino Interdisciplinar das Ciências e da Matemática em parceria com a Faculdade de Física da Universidade de São Paulo e do Centro de Divulgação Científica e Cultural de São Carlos (CDCC).

Viviane de Andrade Sá, 1981, Ribeirão Preto

Sou arquiteta, artista, professora e pesquisadora interessada nas relações entre corpos e espaços urbanos, especialmente pelos processos de apagamento atrelados à raça, gênero ou indivíduos à margem e periféricos. Meu interesse e contato com a temática de arquitetura e exclusão já estavam enraizados antes de minha formação devido à minha origem dividida entre a periferia de Ribeirão Preto e a área rural de Ibiraci (Minas Gerais) em virtude dupla jornada do meu pai que trabalhou com pedreiro e agricultor nas duas cidades.

Minha formação foi realizada integralmente em escolas públicas e meu ingresso e permanência na universidade pública, ainda sem nenhum regime de cotas, só foi possível graças aos programas assistenciais existentes na época. A presença em um espaço acadêmico extremamente elitizado só fomentou meu interesse pelos aspectos mais humanos na arquitetura, bem como, pelas interfaces estabelecidas por ela, como as relações entre campo e cidade, centro e periferia, arte e arquitetura e corpo e espaço. Minha atuação busca a expansão das práticas de arquitetura através de experimentações artísticas, pesquisa acadêmica e orientações de projetos experimentais de graduação, sobretudo em zonas periféricas da cidade de São Paulo como Capão Redondo e Heliópolis.

Ingressei na **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2002)** da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, atual IAU. Durante o curso desenvolvi trabalhos relacionados à arquitetura e às artes visuais. De 2002 a 2003 fui **produtora de vídeos** educativos no Centro de Ótica da Faculdade de Física da Universidade de São Paulo no projeto Instrumentação para o Ensino Interdisciplinar das Ciências e da Matemática em parceria com a Faculdade de Física da Universidade de São Paulo e do **Centro de Divulgação Científica e Cultural de São Carlos (CDCC)**.

A trajetória de pesquisa no campo Arte e Arquitetura tem início ainda na graduação de arquitetura com a iniciação científica **Arte Arquitetura e Paisagem: processos de intervenção na cidade contemporânea (2006)** na qual investiguei projetos de intervenção nesse limiar, especialmente as intervenções que utilizavam a caminhada como prática artística.

Como continuidade à pesquisa, ingressei na graduação em **Artes Visuais na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo** em 2010. De 2010 a 2012 cursei disciplinas mais voltadas ao campo da escultura, corpo e multimídia, com um interesse particular pelas relações entre corpo e espaço. A primeira aproximação foi através da disciplina **Desenho da figura humana (2010)**, ministrada pelo artista visual Luiz Cláudio Mubarak, que buscava através das palavras do próprio Mubarak “aproximações à ideia da invenção do corpo como construção cultural e de suas práxis nas artes visuais”. A segunda notável aproximação foi com os trabalhos desenvolvidos nas disciplinas de **Práticas Performativas (2011)**, um laboratório integrado entre os cursos de Artes Visuais e Artes Dramáticas da ECA (Escola de Comunicação e Artes da USP) organizado e ministrado pelos artistas Ana Maria da Silva Araújo Tavares e Mario Celso Ramiro de Andrade, com a participação de Lucio

Agra, Marina Gazire e Marion Velasco. O laboratório analisou as obras de Maya Deren, Martina Kudláček, Marina Abramović, entre outros e foi finalizado com a execução de uma série de performances.

Foi com um trabalho artístico pessoal, **Walzer (2011)**, realizado como prática performativa, que despertei o interesse para o ingresso no mestrado em Poéticas Visuais. Esse trabalho investigou a relação entre corpo, espaço e imagem, através de uma prática de performance e fotografia. No ano de 2012, ingressei no programa de **Poéticas Visuais** com o projeto **Construir com [corpo] o corpo fragmentado como dimensão do espaço**, que foi uma investigação e prática artística crítica sobre as relações entre corpo e espaço pelo viés das imagens virtuais. Foi uma análise que pretendia compreender as relações mais genuínas e pessoais para que no futuro pudesse estender essa compreensão para o campo da cidade e das relações sociais entre os corpos urbanos e espaços públicos. O conjunto de práticas artísticas e o ensaio foi finalizado em 2014.

Um recorte das reflexões em Poéticas Visuais foi publicado no livro *Estética, convergencia, acontecimientos creativos, percepciones urbanas y transformaciones de las artes, las ciencias y las tecnologias* (2014) organizado por Raúl Niño Bernal, professor do **Departamento de Estética da Faculdade de Arquitetura e Desenho da Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia**.

A passagem pela graduação e pós-graduação em Artes Visuais e a oportunidade de participar da organização de encontros internacionais rendeu importantes contatos com universidades e pesquisadores que atuam em laboratórios de pesquisas no campo da arte e arquitetura. De 2010 à 2014 conheci as pesquisas do Studio Olafur Eliasson, Grupo cAt – ciência/Arte/tecnologia – IA-Unesp/CNPq, Departamento de Estética de la Facultad de Arquitectura y Diseño de la Universidad Javeriana, IT University of Copenhagen, dentre outros.

Paralelamente, desde 2007 desenvolvo trabalhos e colaborações em projetos de arquitetura e, desde 2015, exerço a atividade docente na Universidade Paulista. No último ano tem sido mais voltada às orientações de pesquisa científica (iniciação) e ao Trabalho Final de Curso (TC) e disciplinas de Planejamento, Projeto e Teoria e História com recortes contemporâneos. Há um importante destaque pelas propostas de **intervenção urbana e cultural na favela de Heliópolis (2020)** realizadas na disciplina de Trabalho de Curso, as **intervenções urbanas no bairro Capão Redondo (2020)** realizadas na disciplina de Projeto Urbano e Paisagístico – Espaço Aberto ministrada em conjunto com a professora Larissa Francez Zarpelon e levantamento de **práticas de Urbanismo Tático** em áreas periféricas da cidade de São Paulo, trabalho de orientação em iniciação científica.

Em 2021, ingressei no doutorado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo no programa de Projeto, Espaço e Cultura (PEC) com o projeto **Corpos Ausentes, superexposição como processo de apagamento social e espacial na cidade contemporânea**. O trabalho abordará as relações de visibilidade e apagamento nos espaços públicos da cidade contemporânea.

Atualmente sou conselheira do **CAU/SP na gestão de 2021-2023** e participou da articulação da Chapa CAU+Plural, composta por um coletivo de 156 mulheres arquitetas do estado de São Paulo.

MODELO-CRONOGRAMA

CRONOGRAMA 13ª BIA TRAVESSIAS																				
	2021											2022								
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PRÉ-PRODUÇÃO																				
Pesquisa de Curadoria		16/04																		
Planejamento/Cronograma																				
Checagem do Orçamento																				
PRODUTO 01: Proposta de Co-Curadoria Detalhada e Ajustada					16/07															
PRODUÇÃO																				
PRODUTO 02: Projeto de Co-Curadoria e Desenvolvimento dos editais para as chamadas abertas (<i>confirmação de convidados, contratação de equipes, planejamento de mídia</i>)					30/07															
Chamadas Abertas																				
PRODUTO 03: Projeto Final da Curadoria (<i>resultados das chamadas, textos e materiais finalizados</i>)																				
Produção da Exposição																				
Identidade Visual																				
Expografia e Sinalização																				
Divulgação																				
Montagem																				
13a BIA																				
PÓS-PRODUÇÃO																				
Design de Publicação																				
PRODUTO 04: Relatório Final e Publicação																				

ORÇAMENTO 13ª BIA -TRAVESSIAS - VALORES EM REAIS

ITEM	DESCRIPTIVO	DETALHAMENTO	VALOR ESTIMADO
1	PRÉ-PRODUÇÃO		450.000,00
1.1.1	Curadoria Seleccionada	9 curadores por 15 meses equipe de pesquisa - equipe de mapeamentos e diálogos com lideranças comunitárias - equipe de articulação (projetos e intervenções urbanas) - equipe de comunicação	135.000,00
1.1.2	Equipes Técnicas auxiliares à Curadoria Seleccionada	2 estagiários por 15 meses	15.000,00
1.1.3	Chamadas Abertas	- 5 jurados por 1 mês para chamada de projeto expográfico - 5 jurados por 1 mês para chamada de intervenções urbanas - Pró-labore para os vencedores da chamada de projetos - Pró-labore para os vencedores da chamada de intervenções urbanas com possibilidade de desenvolvimento de protótipos	50.000,00
1.1.4	Projeto de Intervenção Urbana	- Projeto de intervenção urbana que contemple 6 pequenas coberturas abertas espalhadas em pontos de interconexões de modais de transporte deslocados de eixos centrais da cidade, em áreas periféricas de São Paulo - construção e desenvolvimento que envolvam a participação direta com a comunidade local. - elaboração de protótipo de dispositivo desmontável e que possa permanecer no território após o encerramento do evento (mas não necessariamente)	100.000,00
1.1.4	Projeto Expográfico	Projeto expográfico que contemple 2 espaços expositivos distintos e articulados com as intervenções urbanas propostas	100.000,00
1.1.5	Projeto de Comunicação Visual	- Elaboração da identidade visual da 13ª Bienal; - Projeto de comunicação visual para 2 espaços expositivo e 6 pontos de intervenção urbana; - Projeto visual do site e articulações com dispositivos móveis e de geolocalização; - Diagramação de peças gráficas para divulgação da 13ª Bienal (mapas, banners, cartazes, redes sociais, etc)	50.000,00
2	PRODUÇÃO		455.000,00
2.1	EXPOSIÇÃO E INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS		255.000,00

2.1.1	Espaço físico e necessidades estruturais prévias	<ul style="list-style-type: none"> - Materiais de sinalização acessíveis que colaborem para o deslocamento dos visitantes (mapas, app de deslocamento, recursos audiovisuais, todos priorizando acessibilidade visual, tátil e motora); - Montagem da cenografia – material e mão de obra; - Projeto elétrico; - Locação de equipamentos (de luz, de som, de projeção, etc); 	30.000,00
2.1.2	Equipe técnica	<ul style="list-style-type: none"> - Montagem e desmontagem de trabalhos; - Montagem e desmontagem das intervenções temporárias; - Instalação de sinalização e da comunicação visual; 	50.000,00
2.1.3	Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Material para as intervenções temporárias; - Material para as obras selecionadas; - Produção de obras selecionadas; - Revisão e tradução de textos; - Acessibilidade. 	150.000,00
2.1.4	Logística	<ul style="list-style-type: none"> - Fretes e pequenos transportes; - Armazenagem de obras 	25.000,00
2.2	CONFERÊNCIAS		35.000,00
2.2.1	Convidados	<ul style="list-style-type: none"> - Remuneração de 2 conferencistas; - 2 passagens internacionais (ida e volta); - 2 passagens nacionais (ida e volta); - 5 diárias de hospedagem; - 5 diárias de per diem; - Seguro Viagem. 	25.000,00
2.2.2	Logística	<ul style="list-style-type: none"> - Tradução Simultânea das Conferências; - Transcrição das Conferências; - Tradução da Transcrição das Conferências. 	10.000,00
2.3	PALESTRAS E OFICINAS		50.000,00
2.2.1	Convidados	<ul style="list-style-type: none"> - Remuneração de 10 palestrantes nacionais; - Remuneração de 1 palestrante internacional; - 4 passagens internacionais (ida e volta); - 2 passagens nacionais (ida e volta); - 5 diárias de hospedagem; - 5 diárias de per diem; - Seguro Viagem. 	35.000,00

2.2.2	Logística	- Tradução simultânea das Palestras e Oficinas; - Transcrição das Palestras e Oficinas; - Tradução da Transcrição Palestras e Oficinas.	15.000,00
2.4	ADMINISTRATIVO		30.000,00
2.4.1	Despesas Operacionais	- Compra de Materiais Diversos; - Correio/Remessas; - Motoboy; - Transporte das Equipes.	15.000,00
2.4.2	Encargos	- Taxas e impostos; - Alvarás, certificados, laudos, liberações, etc.; - Direitos Autorais e Cessão de Imagem; - ECAD; - Seguro de responsabilidade civil; - Encargos trabalhistas.	15.000,00
2.5	COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO		50.000,00
2.5.1	Sinalização e Comunicação Visual da Exposição	Dispositivo de circulação informal: desenvolvimento de meios de circulação fora dos eixos tradicionais da mídia (redes dispositivos fotos e vídeos colaborativos);	25.000,00
2.5.2	Divulgação	- dispositivos móveis e de geolocalização; - Peças gráficas de divulgação (mapas, banners, cartazes, redes sociais, etc)	25.000,00
2.6	EVENTOS		35.000,00
2.6.1	Abertura	Comcentrar um evento em algum equipamento institucional de grande porte na periferia: algum SESC, possivelmente	35.000,00
3	PÓS-PRODUÇÃO		95.000,00
3.1	PUBLICAÇÃO		
3.1.1	Diagramação	- Diagramação de publicação digital e impressa que evidencie todos os processos participativos envolvidos.	15.000,00
3.1.2	Impressão	- Impressão de 2000 exemplares, com ao menos 50% destinados às comunidades envolvidas.	50.000,00
3.2	REGISTRO		

3.2.1	Cobertura	<p>Dispositivo de circulação informal: desenvolvimento de meios de circulação fora dos eixos tradicionais da mídia (redes dispositivos fotos e vídeos colaborativos);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cobertura em foto e vídeo dos eventos da Bienal; - Registro fotográfico da exposição; - Streaming das conferências e das palestras e debates; - Vídeo síntese colaborativo. - Catálogo digital com imagens de processo e participação e conteúdo de projetos apresentados. 	30.000,00
			R\$ 1.000.000,00